

Inês Nadaís

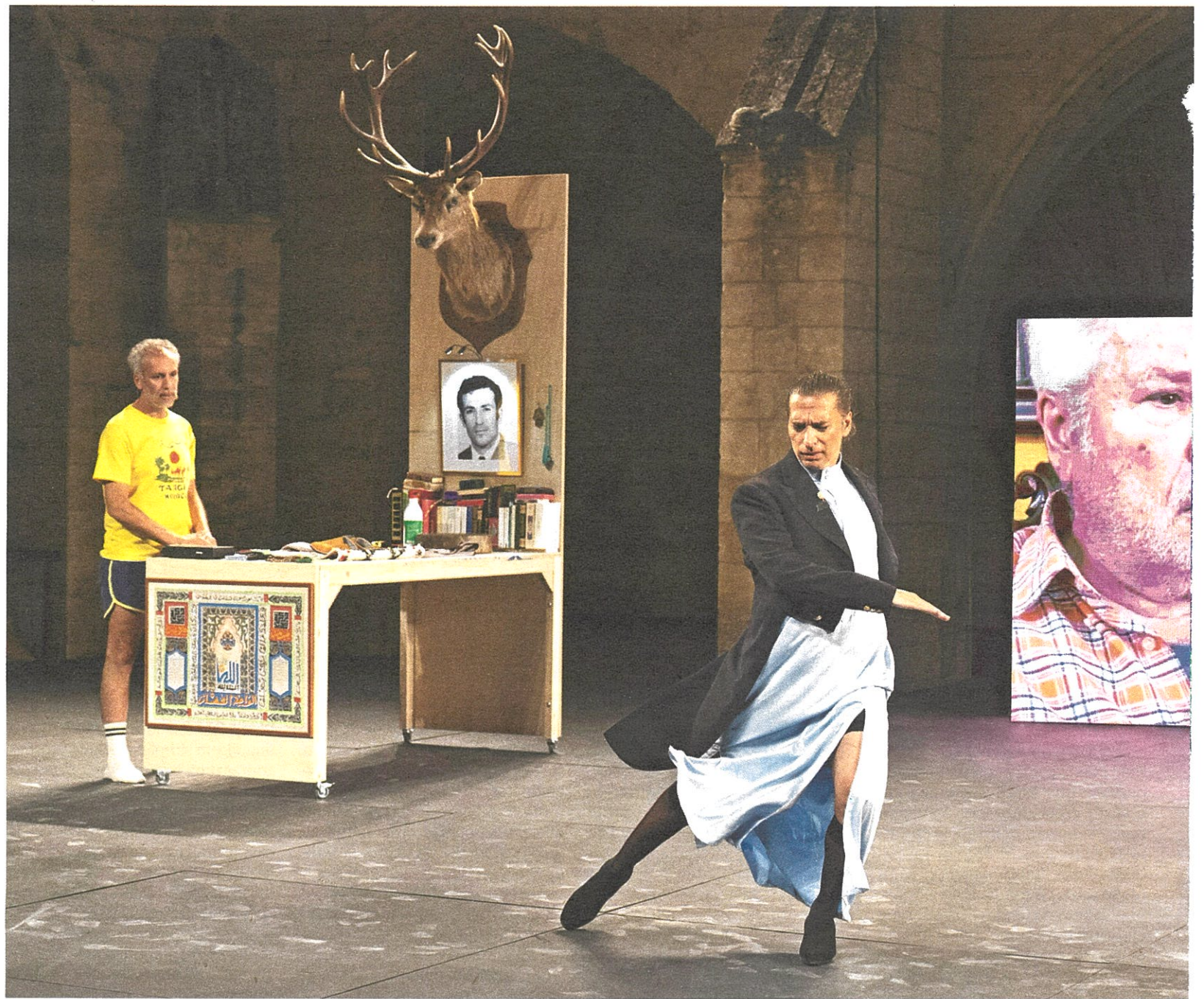
Israel & Mohamed, que passa na terça-feira por Almada, é o ajuste de contas de dois filhos pródigos com os pais tiranos que, por amor, os tentaram castrar. Uma bomba de gás: aqui hilariante, ali lacrimogéneo.

Por amor (não há outra explicação possível), o pai de Mohamed El Khatib continua a abominar que o filho, “tão bom aluno”, Sciences Po e tudo, tenha ido parar ao teatro, e com um sucesso a tal ponto colossal: contratos e retrospectivas nas grandes instituições de Paris, estreias no Festival de Avignon, sucessivas digressões internacionais. “O teatro”, diz, debruçado sobre a varanda, finalmente reformado, este imigrante marroquino da geração que foi carne para canhão da pujança industrial francesa, e que queimou a vida numa fundição, “não é para gente como nós”.

Por amor (que outra explicação haveria?), o pai de Israel Galván continua a recusar-se a ver os espetáculos do filho, um dos mais siderantes *baillores* – e sim, transgressores – do flamenco dos nossos dias. As medalhas, os prémios, a assolapada aclamação mundial não convencem este purista obstinado (*bailloir*, professor, guru, tutor) que tratou a alopecia do seu promissor herdeiro com papas de gema de ovo na esperança de nele ver desabrochar uma cabeleira à altura da tradição, e depois nada. Aquilo que ele faz “não é flamenco”; aquilo, indigna-se José Galván, é mudar de flamenco “como quem muda de camisa”.

Mohamed El Khatib, 46 anos, e Israel Galván, quase 53, construíram-se com – contra – pais assim.

O primeiro viria, apesar do pai, dos seus intermináveis silêncios, dos seus violentos castigos corporais, a converter-se numa figura incontornável do teatro documental francês, e não só, desde a discreta estreia em 2012, no



Israel Galván e Mohamed El Khatib aprenderam a amar o pai para não terem de o odiar

OFF de Avignon, de *Acabar em Beleza*, o obituário da sua própria mãe.

O segundo transformar-se-ia, apesar do pai, dos seus inflamados sermões, dos seus violentos boicotes, num animal de palco fulgurante e global, ainda que o nome lhe complique as digressões pelo Médio Oriente.

Desta história de emancipação, de como foi preciso matar o pai para poderem viver as vidas que queriam viver, nos dão ambos conta em *Israel & Mohamed*, o dueto tão hilariante quanto lacrimogéneo, tão duro

quanto doce que há um ano estrearam no Festival de Avignon e que na próxima terça-feira chega ao Festival de Almada (Palco Grande da Escola Secundária D. António da Costa, 22h). O que começou por ser “um ajuste de contas”, como o descreve Mohamed El Khatib, é a “prenda” frontal mas amorosa, palavras de Israel Galván, de dois filhos pródigos aos pais que não a quiseram – ainda – desembrulhar e receber.

A narrativa desta relação filial de amor-ódio que nos põem à frente, contam à vez ao Ípsilon, por telefone,

insinuou-se a partir do momento em que se puseram a conversar. Por serem ambos artistas associados do Théâtre de la Ville de Paris, foram instigados a pensar numa criação conjunta e depressa deram por si a falar de lesões: Israel, que em miúdo ainda treinou no Bétis de Sevilha (“Mas não corria...”), convalescia de uma ruptura de ligamentos; Mohamed, que chegou a jogar no Paris Saint-Germain, tinha passado por duas, primeiro num joelho e depois noutra. Eis então por que os vemos a entrar em cena como futebolistas em

pleno aquecimento, atravessando o palco em corrida de um lado ao outro, pulando para cima e para baixo em séries repetitivas, um de *t-shirt* onde se lê “Tanger, Morocco”, calções de futebol, meias brancas até ao joelho, sapatos de flamenco, o outro de *djellaba* azul-celeste, emprestada por um de dois adoráveis pais tiranos.

Lá iremos (e “aquele golo da Croácia contra Portugal que nunca devia ter sido anulado”). Entretanto, tantas outras coisas “íntimas e íntimas” se revelarão e rememorarão entre os dois – reverberando talvez não ínfima



do casal de *bailaores* de flamenco José Galván e Eugenia de los Reyes –, os progenitores de Mohamed e Israel ameaçam de novo roubar o palco como quase lhes roubaram a vida a partir do momento em que escolheram dar aos filhos “nomes religiosos que pesam pesado”, impondo-lhes à nascença uma herança esmagadora que depois consolidaram golpe a golpe, aniquilando qualquer idiosincrasia, qualquer insurgência... só que não.

“Como se pode crescer à sombra de pais que, como os nossos, ocupam tanto espaço?”, pergunta Mohamed El Khatib.

Cabe-lhe, neste espectáculo, ser o narrador, pondo o dedo, ou melhor, a sua língua afiada, na ferida. O narrador preciso e lapidar, pudico mesmo quando cortante, da sua vida com o seu pai e da vida de Israel – que aprendeu a expressar-se com o corpo, e como!, porque as palavras lhe saíram sempre gagas – com o dele. Falando pelos dois, quando não pelos quatro, como sempre falou pelo pai, fluente no árabe e no Corão que transmitiu aos filhos à pancada, analfabeto e por isso impotente no francês do país de acolhimento.

Muçulmano, um, testemunha de Jeová, outro, cada um dos dois pais tem aqui direito ao seu próprio palco, ao seu próprio altar. Só que os filhos não vieram para rezar, antes para dissecar uma história que teria sido de castração se não se tivessem rebelado a tempo. Rupturas de ligamentos à parte, foi esta consanguinidade que Israel e Mohamed descobriram e redescobriram ao longo das suas infinitas conversas em Paris e Sevilha.

“Ao fim de duas horas de residência já tínhamos percebido do que íamos falar. Claro que depois passámos muito tempo em pesquisa e em criação, mas foi imediata a constatação de que foi através da arte que sobrevivemos a um destino familiar imposto com violência”, conta-nos Israel. Imediata foi também a decisão de que Mohamed falaria e ele não, ou muito pouco. “É que a minha maneira de falar é dançar, então... Procurámos uma dança documental: um encontro entre a forma teatral do Mohamed e a minha forma de dançar, que também passa por dançar as minhas memórias, a minha vida. Mas foi uma mudança para mim encontrar no baile uma linguagem para comentar a relação com o meu pai, para dialogar com ele, para lhe responder directamente. Acho que se trata, no fundo, de dançar o subconsciente.”

No caso de Israel, “responder directamente” ao pai passa por sapatear violentamente: com as chuteiras nos pés, quando se lembra de como José lhe furava as bolas, raivoso, sempre que o filho se escapulia das aulas

de flamenco para jogar futebol; com dúzias de medalhas ao peito, quando o ouve dizer que há *bailaores* que lhe dão vergonha “porque não mantêm a virilidade”.

Porque sim, o pai de Israel está presente, e como!, e também o de Mohamed, ambos falando sem filtro, em vídeo, de como os filhos lhes trouxeram sobretudo dissabores e desgostos. “Acho que nem se apercebem bem disso, mas apesar de tudo confiam em nós, ao ponto de aceitarem estar em palco connosco. É complexo, mas neles a decepção mistura-se com um certo orgulho de ver que os filhos são reconhecidos, embora não da forma que teriam preferido”, comenta Mohamed. “Portanto, prestaram-se ao jogo. E isso permitiu-nos atravessarmos juntos, eu e o Israel, a questão do documentário: através, primeiro, dos documentos vivos que são os nossos pais, e, depois, dos arquivos da nossa memória, que reactivámos para o espectáculo.”

À medida que os iam comparando, que se iam comparando, descobriram que as duas margens do Mediterrâneo, apesar das diferenças geográficas, religiosas, linguísticas, sociais, culturais, políticas que entretanto emergiram, continuam ligadas: oito séculos de História comum não se apagarão nunca.

“Os nossos pais são duas faces da mesma moeda, da mesma cultura árabe-andaluza. Da mesma forma de ser pai, da mesma forma de chefiar a família. Há uma grande proximidade nos corpos, nas atitudes... até na música”, sublinha Mohamed. “Isso é muito engraçado. Quando lhes perguntámos pelas suas músicas preferidas, fomos dar ao mesmo repertório, à mesma identidade. Eles estavam simultaneamente muito longe e muito perto um do outro.”

O que não surpreendeu de todo Israel, já que dos seus encontros artísticos com Akram Khan, inglês de ascendência bengali e tradição hindu, ou Marlene Monteiro Freitas, caboverdeana de família cristã, extraiu a lição de que “de ibérico” e “de europeu” tem “muito pouco”. Aos dois, vê-os como *bailaores* da mesma família: “Acho que, como danço flamenco, estou mais perto de outro tipo de raízes...”

De resto, este modelo de paternidade, Israel e Mohamed viram-no ainda profundamente disseminado e enraizado em todos os lugares aonde já levaram a peça. “É uma geração totalmente patriarcal que não empreendeu o mínimo gesto de desconstrução, o que dá paternidades por vezes hostis, por vezes tóxicas. Estamos também a falar, claro, de pessoas que viveram em condições sociais muito difíceis, portanto sociologicamente há uma explicação, e se há

“É complexo, mas nos nossos pais a decepção mistura-se com um certo orgulho de ver que os filhos são reconhecidos”, diz Mohamed El Khatib

Mohamed El Khatib e Israel Galván “sobreviveram” aos pais, com quem contracenam

uma explicação devemos esforçar-nos por compreender. Há imensas coisas nestes pais que vêm apenas da falta de jeito. Porque há muito amor também, só que não tem como se exprimir.”

Mohamed, por exemplo, não vê o silêncio do seu pai (o silêncio dos 2400 quilómetros de carro a cada viagem de Verão a Marrocos para ver os avós, apenas interrompido, a mais de metade do trajecto, para lhe perguntar se já deixou de fumar e se ainda faz as suas orações...) como um traço de personalidade ou como um marcador da sua condição de magrebino, imigrante, operário, iletrado, crente. “Ainda na semana passada actuámos na Roménia”, diz ao Ípsilon. “No fim, as pessoas comentaram: ‘Tenho exactamente o mesmo pai lá em casa’. O silêncio dos pais é um objecto universal.”

Foi mais fácil, admite, quebrá-lo a dois do que sozinho. “Ter podido fazê-lo com o Israel... Sentimo-nos mais fortes e mais protegidos. Cada um pode ocupar-se do pai do outro. E ao mesmo tempo ocupamo-nos colectivamente dos pais de toda a gente.”

Declaração de guerra, declaração de amor? As duas coisas. Aqui ▶

mas de certeza intimamente em todas as plateias onde estiverem sentados filhos e filhas.

Roubar a vida, roubar o palco

Para Mohamed El Khatib, que começou a sua carreira de ex-jornalista tornado dramaturgo, encenador e performer com o monólogo *Acabar em Beleza*, onde narrava o cancro e a morte da mãe, e que em 2025 deu à retrospectiva que lhe foi dedicada pelo Grand Palais e pelo Centro Pompidou o título *Le Grand Palais de Ma Mãe* (“O Grande Palácio da Minha Mãe”), “era o momento de ajustar as contas com os pais”. Não apenas com o seu e o de Israel, mas também consigo próprios, os dois artistas, enquanto pais. O momento, prossegue, de interrogar que pais tiveram e que pais querem ser.

Irreduzíveis e dominadores, encarnações quase caricaturais do arquétipo do pai num tempo e em sociedades profundamente machistas e patriarcalis – a marroquina, mesmo que na diáspora, e a andaluza, mesmo que numa família de artistas como a

PAVILHÃO
JULIÃO
SARMENTO



Fariba
Hajamadi
Conversa
de Corvos

04/07/2026 – 18/10/2026

Avenida da Índia 172 / 1400-207 Lisboa
pavilhaojuliao SARMENTO.pt

LISBOA
CULTURA

FOTOGRAFIAS DE LAURENT PHILIPPE



“A última palavra é minha”, diz Israel Galván, “e com este baile agradeço ao meu pai ter-me ensinado a dançar mas digo-lhe que danço como quero”

Futebol, religião, teatro, dança e o amor-ódio entre pais e filhos irrigam esta peça a dois

► não se cita Oscar Wilde, só Kafka (e Freud, naturalmente, nas entrelinhas), mas bem poderíamos dizer que “cada homem mata a coisa amada”: um pai matar um filho (como Deus com Jesus; como Abraão com Isaac, irmão de Jacob, renomeado Israel, por sua vez antecessor de Maomé...), um filho matar um pai (como Édipo com Laio), não é esta a mais velha história do mundo?

Cargas pesadas

Ao seu pai, José, a personagem *bigger than life* que desde há um ano vem arrebatando as plateias do espectáculo, Israel gostaria de dizer: “Amo-te, mas.”

“Somos muito diferentes, na personalidade e na forma de dançar, mas temos vivido de bem um com o outro e acho que no final nos saímos bem. Quer dizer, sobrevivemos. Aqui, a última palavra é minha e então, com o suor do baile que lhe ofereço, agradeço-lhe ter-me ensinado a dançar, mas volto a dizer-lhe, como sempre lhe disse, que danço como eu quero. Nunca quis dançar como ele me mandou.”

Ao seu pai, o homem de poucas palavras que desde há um ano vem lembrando às plateias que é estranho, isto de um espectáculo que se chama “Israel e Maomé”, ou talvez mesmo obscuro, visto que um genocídio prossegue em Gaza, Mohamed gostaria de dizer: “Amo-te, mas.”

“Vejo este espectáculo como uma declaração de ternura: lúcida, sem concessões. Uma homenagem a estes pais que tiveram vidas muito destruídas. Naquelas condições, quem teria feito melhor?”

Por amor, Israel oferece ao seu pai uma maravilhosa *farruca*, como quando ainda bailava segundo as instruções draconianas que ele lhe transmitiu – antes de resignificar e recondicionar o flamenco à sua prodigiosa e não menos virtuosa maneira.

Por amor, Mohamed oferece ao seu pai uma maravilhosa mesquita, como quando ainda decorava as suras do Corão reguada atrás de reguada e estendia o tapete para rezar – antes de reivindicar a blasfémia de não seguir carreira à altura da educação que com sacrifício lhe foi garantida.

Uma mesquita no claustro de um convento cristão, foi isto que vimos há um ano em Avignon. Porque sim, pai, ele sabe que há um genocídio em Gaza e não terá medo de o condenar. “Vinte mil crianças assassinadas. Vou ter medo de quê?”

Os religiosos do Convento do Carmo felicitaram-nos, aliás, por esse “belo momento ecuménico num período politicamente explosivo”. As religiões também podem ser “apaziguadoras”, acredita Mohamed. “Os meus pais praticavam o islão de forma muito tranquila. Como o pai de Israel, que é testemunha de Jeová. A abordagem deles à religião sempre foi sobretudo espiritual. E embora nós nos tenhamos distanciado, um e outro, das nossas educações religiosas, fizemo-lo sem nenhuma amargura.”

O mesmo quanto aos nomes que herdaram, *handicaps* para toda a vida. “Expuseram-nos desde logo ao racismo. E, no caso de Israel, também a um julgamento político, embora ele não seja judeu, o que é irónico. Juntando-os no título da peça, quisemos abrir o imaginário colectivo à possi-



bilidade de uma reconciliação. Há quem pense que vai ver um espectáculo sobre o Médio Oriente, o que não é o caso, mas agrada-me que a questão apareça aqui pela voz dos pais: tal como eles nos legaram estes nomes problemáticos, a geração de que fa-

zem parte legou ao mundo um amontoado de problemas.”

Não será a arte a resolvê-los, nem sequer o futebol, embora Mohamed, que em *Stadium* (2017) partilhava o palco com 58 adeptos do Racing Club de Lens, o considere um campo fértil

e poderoso. “Vejo-o antes de mais como uma prática colectiva que se apoia num colectivo ainda maior, a comunidade de aficionados, e adoro as coisas que, como seres humanos, podemos fazer juntos. Mas para mim é também um laboratório de miscigenação social: os teatros, por exemplo, são muito mais homogéneos do que os estádios. Nisso, a arte está atrasadíssima em comparação com o futebol. Finalmente, é um grande espectáculo, onde a incerteza é total: nunca sabemos quem vai ganhar. Mesmo quando a história parece estar escrita, há sempre surpresas. Vê como a Alemanha acaba de ser eliminada pelo Paraguai, ninguém o teria predito. Ou o jogo da Croácia contra Portugal, com aquele golo que nunca devia ter sido anulado. O que é belo no futebol é o modo como as injustiças enriquecem a dramaturgia.”

E, por falar em injustiças, talvez também faça parte do jogo que nem o pai de Israel nem o pai de Mohamed tenham visto este espectáculo. Pais a serem pais: nada de novo debaixo do sol. Ou sim?

“Quando ofereces um presente, o que conta é o gesto de oferecer. Nós fizemos metade do trabalho, agora a outra...”, lança Mohamed, que talvez tenha perdido a esperança.

Já Israel acredita que o pai estará na primeira fila quando a peça passar por Sevilha, pronto para o seu *close-up* e sobretudo para as palmas que, soberbo, açambarcará: “O que ele mais vai adorar é o facto de ser em parte também o protagonista. E que toda a gente diga que o melhor do espectáculo é o pai do Israel. Se em todo o lado aonde vamos ele rouba o palco, em Sevilha então...”

Mas numa plateia em que todos são filhos e só alguns são pais, não será necessariamente assim. O público, aliás, sempre esteve do lado de Israel. “Desde muito pequeno – comecei com dois anos e meio – que danço como me dá na gana. E, ao ver como as pessoas reagiam, rapidamente me dei conta de que o meu defensor seria o público. O meu pai teve de lidar com o facto de haver muita gente a gostar do que faço. Gente louca, claro, é o que ele pensa. Isso ajudou-me a não ter rancor. E a ganhar confiança para, quando ele me dizia ‘faz assim’, eu fazer assado.”

Para os dois, as imposições pater-nas foram afinal condição de emancipação. Um presente dos pais, porventura envenenado. “À primeira vista, a minha história é uma catástrofe, como me disse o [filósofo e historiador de arte] Didi Huberman em Avignon”, reflecte Israel. “Mas acho que na verdade é uma história de liberdade.”

Talvez afinal uns e outros, pais e filhos, tenham feito um bom trabalho.